

# ***Memento Mori*<sup>1</sup>: o testamento do Duque de Caxias e as demonstrações de altruísmo do grande chefe e líder militar em seu momento derradeiro**

*Alvaro Luiz dos Santos Alves\**

## **Introdução**

O Vexilário da Pátria<sup>2</sup> nasceu na Fazenda São Paulo, na Vila da Estrela, mudou-se para a Rua das Violas (local de morada da família), morou no Quartel do Campo e casou-se com uma moça residente à Rua dos Ciganos, esquina com o Campo da Aclamação. Depois de algum tempo, mudou-se para o Caminho do Andaraí Pequeno. Em sua tenra velhice, mudou-se para a Fazenda Santa Mônica, na antiga Estação do Desengano, lugar onde faleceu. Teve seu lugar de descanso eterno no Cemitério do Catumbi na cidade do Rio de Janeiro (Júnior, 2008).

**O** pequeno extrato de texto pode ser assim explicado por nós: Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, nasceu na Fazenda São Paulo, hoje Duque de Caxias, mudou-se para a rua Teófilo Otoni (local de morada de sua família), estudou no atual Colégio Pedro II, morou no Quartel – que hoje leva seu nome – e casou-se com uma moça que morava na rua da Constituição, esquina com o Campo de Santana. Mudou para a rua Conde de Bonfim, na Tijuca (Hoje Conde de Bonfim, 186, local que deu lugar a um supermercado). Na velhice, mudou-se

para a Fazenda Santa Mônica localizada no Distrito de Barão de Juparanã, no Município de Valença, interior do Estado do Rio de Janeiro. Após o falecimento, foi enterrado no Cemitério do Catumbi (São Francisco de Paula) e hoje seus restos mortais encontram-se no Pantheon de Caxias.

Filho legítimo do Marechal de Campo Francisco de Lima e Silva e de Dona Maria Cândida de Oliveira Bello, nasceu no Estado do Rio de Janeiro em 25 de agosto de 1803. Casou-se com Dona Ana Luiza de Loreto Carneiro em 6 de janeiro de 1833, com quem teve duas filhas e um filho, Luiza de Lima Nogueira da Gama, Ana de Lima Carneiro da Silva e Luiz Alves de Lima.

Em sua vida militar, incorporou no 1º Regimento de Infantaria da Corte em 22 de agosto de 1808, com apenas cinco anos de idade, e, em 1818, entrou para a Real Academia Militar. Teve um grande envolvimento com a vida castrense, passando por várias organizações militares, exercendo importantes cargos,

\*Subten Cav (EsSA/1993, EASA/2003). Graduado em História (Faculdades Simonsen/2005), Mestre em História (UNIVERSO/2018), membro do IGHMB, membro da AHMITB, pesquisador associado do CEPHiMEX. Atualmente, é pesquisador e historiador do CEPHiMEX.

destacando-se o 1º Regimento de Infantaria de Linha da Corte; Exército Libertador da Bahia; Campanha da Cisplatina; 2º Comandante do Batalhão do Imperador (subcomandante); Batalhão Sagrado; Corpo de Guardas Municipais Permanentes; Comandante de Armas e Presidente da Província do Maranhão; Comandante de Armas e Presidente da Província do Rio Grande do Sul; Comandante de Armas da Corte; Comandante em Chefe do Exército Brasileiro em Operações no Uruguai e Comandante das Forças Imperiais contra Solano López na Guerra da Tríplice Aliança.

Foi condecorado com diversas medalhas durante a carreira, fruto de sua abnegação para o serviço das armas. Em reconhecimento a esse serviço, recebeu a Medalha de Ouro da Independência; Medalha de Ouro da Campanha do Uruguai com pendente de fita verde no pescoço; Medalha de Ouro Comemorativa da Rendição de Uruguaiana; Medalha do Mérito Militar e Medalha Comemorativa da Terminação da Guerra do Paraguai.

Merecem também destaque as condecorações de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro; Comendador da Ordem de São Bento de Aviz; Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa; Grã-Cruz da Imperial Ordem da Rosa; Grã-Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro e Grã-Cruz da Imperial Ordem de Dom Pedro I.

Caxias teve uma carreira militar brilhante. Em 1808, recebeu o título de cadete de 1ª classe e, em outubro de 1818, foi promovido a alferes na Escola Militar, sendo promovido sucessivamente, ao longo da carreira, até o posto de marechal efetivo.

Após o seu período escolar, foi promovido a primeiro-tenente em 1820, a capitão em 1824, galgou a carreira de oficial superior em 1828, quando foi promovido ao posto de major, e em 1837 foi promovido a tenente-coronel, chegando a coronel em 1839. Caxias foi promovido a brigadeiro em 1841; a marechal de campo graduado em 30 de julho de 1842; a marechal de campo efetivo em 1845; e a Tenente-General em 3 de março de 1852. Em 2 de dezembro de 1862, foi promovido a marechal graduado e em 3 de outubro de 1863 foi promovido a marechal efetivo.

Um destaque importante na vida de Caxias foram os títulos nobiliárquicos, que foram recebidos entre os anos de 1841 e 1870. Recebeu os títulos de barão (1841), conde (1845), marquês (1852) e de duque (1870).

Caxias teve uma destacada carreira militar e política. Não foi apenas um militar. Ele soube se engendrar pelos caminhos da política brasileira como deputado da Assembleia Geral Legislativa pelo Maranhão, como senador pelo Rio Grande do Sul e, finalmente, como presidente do Conselho de Ministros, cargo que ocupou nos períodos de 3 de setembro de 1856 a 4 de maio de 1857; 3 de março de 1861 a 24 e maio de 1862 e de 25 de junho de 1875 a 6 de janeiro de 1878.

Em seus cargos militares, Caxias desempenhou, além das funções já destacadas, as de comandante em chefe das forças em operações (Maranhão – Balaiada; São Paulo – Revolta Liberal; Minas Gerais – Revolta Liberal; Rio Grande do Sul – Revolução Farroupilha). Por esses destaques, recebeu a alcunha de “O Pacificador”.

Também foi comandante em chefe das Forças Imperiais e comandante em chefe das Forças Aliadas no Paraguai, como comandante interino e efetivo.

Foi ajudante de campo de Sua Majestade o Imperador em 1842 e Veador<sup>3</sup> das Princesas Imperiais em 1840, Ministro da Guerra, Conselheiro de Guerra no momento do Senado em recesso e Conselheiro de Estado Extraordinário em 1870.

Após esse breve relato da vida do ilustre Luiz Alves de Lima e Silva, cabe-nos colocar que este trabalho procura entender exemplificar, pela análise de documentos do duque, em principal seu testamento, como ele procurou demonstrar atitudes de um verdadeiro líder, até mesmo em seu momento derradeiro.

Para atingir esse objetivo, analisaremos muito brevemente o que era a liderança de Caxias, por meio da consulta a seus documentos pessoais e às Ordens do Dia da Guerra da Tríplice Aliança. Em outro momento, será abordado o testamento do duque.

Finalmente, após essa análise dos documentos, será apresentada uma conclusão a respeito do tema.

## A liderança e sua amplitude no exercício do comando: o caso Caxias

Habilitação para influenciar os subordinados, no sentido de obter deles o engajamento pessoal no cumprimento da missão e na concretização dos objetivos da organização. Não se trata de aptidão natural, mas o domínio de técnicas, de habilidades e de atitudes para influenciar e motivar pessoas com um determinado fim. A capacidade de liderança é fortalecida pela reputação positiva do comandante; portanto, pelo que ele é por sua competência, caráter e dedicação (Coutinho, 1997)<sup>4</sup>.

O citado fragmento de texto nos coloca de maneira bem simples o desenvolvimento da capacidade de liderança. Essa capacidade é bem cara nos tempos atuais, em que precisamos de líderes fortes e determinados a exercer tais preceitos na condução do exercício do comando. A tropa espera essas características de seus chefes militares e, especialmente, capacidade para exercê-las em benefício do melhor andamento das missões impostas ao exercício da profissão militar.

Como bem citou o autor, “Não se trata de aptidão natural, mas o domínio de técnicas, de habilidades e de atitudes para influenciar e motivar pessoas com um determinado fim”. A motivação é o principal foco do líder. Nesse sentido, o homem motivado pelos exemplos do líder é o mesmo que irá aonde o líder determinar.

Nesse escopo de liderança é que podemos colocar a figura de Caxias, que, ao conduzir seus comandados em todos os momentos em que a refrega das batalhas exigiu, conseguiu motivá-los para o combate com sua correção de atitudes e com o emprego de técnicas que apenas hoje estudamos mais profundamente.

Em uma breve leitura das Ordens do Dia referentes à Guerra da Tríplice Aliança durante o comando de Caxias e também em sua fé de ofício, podemos notar essa capacidade de liderança no desempenho de sua função, destacada com ímpeto e inteligência na arte da guerra. A resposta de seus comandados sempre foi imediata a essa capacidade, haja vista que, nos embates sob o comando de Caxias, os resultados foram sempre positivos, inclusive com diversas observações de seus

chefes relativas a sua capacidade de liderar e conduzir seus combatentes.

No livro *MacArthur Lições de Estratégia e de Liderança* (Kinni e Kinni, 1956), os autores, no capítulo 2, fazem alusão ao “destino cumprido de um líder”, destacando o encorajamento da mãe do General MacArthur ao filho, ao dizer “que ele se tornaria um grande homem, tão grande quanto seu bem-sucedido pai e até mesmo como Robert E. Lee”<sup>5</sup>. O jovem MacArthur aceitou muito bem seu “destino”, mas, como os próprios autores destacam, ele também se preparou duramente para atingir os desígnios do destino que o esperava.

Assim podemos identificar a destinação de chefe militar e líder de Caxias, como demonstrado na introdução. Luiz Alves teve uma carreira brilhante, forjada nas lides castrenses, no dia a dia dos quartéis e nas batalhas de que participou. Esse exemplo de líder e chefe perdura até nossos dias, no simples cultuar dos símbolos deixados pelo chefe militar ou até nos desafios impostos ao Exército em pleno século XXI.

Diante de tantas concepções sobre Caxias, não restam dúvidas sobre sua capacidade de chefia e liderança na condução dos destinos da Força Terrestre dentro de seu tempo.

## O testamento do Duque: poucos exemplos de humildade aliados à liderança

Chegando ao fastígio das ambições e das vaidades humanas, com aquele inalterável bom senso que por vezes o tornou gênio, mediu-lhes sereno e superior a inanidade. Em seu funeral dispensou tôdas as honras. Nem sequer consentiu que a voz do canhão saudasse pela última vez o guerreiro que partia; veio para a tumba, novo Saladino, cercado só das boas ações que praticou. Também ninguém teve no Brasil séquito igual. Carregaram o seu féretro seis soldados rasos; mas senhores, êsses soldados que circundam agora a gloriosa cova e a voz que se levanta para falar em nome deles, são o corpo e o espírito de todo o Exército Brasileiro.<sup>6</sup>

O Visconde de Taunay soube, em seu elóquio à beira do túmulo do ilustre brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, mostrar o sentimento vivido à época pelos brasileiros ao sepultarem o seu “Marechal” de tantas batalhas em prol da liberdade daquele povo ao qual dedicara toda a sua vida como militar e proeminente político.

O sentimento de comoção tomou conta do Brasil de norte a sul, como noticiavam os periódicos da época. Personalidades fizeram questão de manifestar seu apreço pelo grande chefe militar, como podemos destacar nas palavras de Pinheiro Chagas.

O Govêrno e o povo do Brasil reconheceram sempre os altos serviços dêsse glorioso guerreiro, o govêrno dando-lhe com o bastão de marechal o título mais elevado da nobiliarquia brasileira, o povo fazendo em 1880 da morte do velho duque um verdadeiro luto nacional. É que todos reconheciam que a espada do Duque de Caxias, como a espada de Grant ou de Shermann, dera a um tempo à sua pátria uma potente unidade, e à civilização da América um glorioso triunfo.<sup>7</sup>

Mas o “Velho Duque” ainda faria sua última demonstração de desprendimento e humildade, a mesma que o fez escolher seis soldados para conduzirem seu féretro, o mesmo ímpeto com o qual conduziu seus homens ao encontro do inimigo na certeza de que a vitória seria certa.

Caxias preparou um testamento<sup>8</sup> no qual seu desejo era o de deixar implícito que era um homem de determinada simplicidade. Sua atitude de dispensar, já no testamento, as honras militares a que fazia jus, mostrou a todos os seus subordinados um exemplo de um verdadeiro soldado: um soldado que sacrificou sua vida em defesa da pátria, um soldado que ostentou com dignidade o adjetivo do “ser soldado”.

Prova disso foi a Ordem do Dia do Exército nº 1.514, de 9 de maio de 1880, na qual o Marechal do Exército Graduado – Ministro da Guerra Visconde da Gávea expressa todo o sentimento com o passamento desse grande vulto militar.

Ordem do dia à guarnição da Côte – Repartição do Ajudante General

Transido de dor, comunico ao Exército o passamento do Excelentíssimo Senhor Marechal de Exército, senador do Império, Duque de Caxias,

cujos restos mortais serão amanhã, às 9 ½ horas do dia, dados à sepultura no cemitério de S. Francisco de Paula. Amigo de infância, ligado por estreitos laços de parentesco, fui companheiro dedicado, admirador das virtudes do eminente cidadão que tanto mais se eleva aos olhos dos seus concidadãos, quanto maiores eram os sacrifícios que a Pátria lhe exigia. **Sua vida foi o conjunto de preclaros feitos; e ao extinguir-se revelou êle a modéstia de seu elevado caráter, na dispensa que fêz de tôdas as homenagens oficiais a que a lei lhe dava direito. Seu último desejo foi que o conduzissem ao túmulo seis soldados (grifo nosso).**<sup>9</sup>

Em síntese, toda uma nação comoveu-se com a morte de seu grande herói. E Caxias, como o povo esperava, deu, em seu momento derradeiro, um exemplo de simplicidade. Queria morrer como um homem comum, queria morrer como um homem do povo, o mesmo povo ao qual sempre defendera como soldado ou como político.

Em seu testamento, Caxias deixou a quantia de 30\$000 réis para que fosse realizado em pagamento aos soldados como gratificação por levarem seu corpo à sepultura,

... e que dezoito que mandem 6 soldados, excluidos dos mais antigos, e de melhor conducta, dos corpos da guarnição para pegar das argolas de meu caixão, a cada hum dos quaes o meu testamenteiro, no fim do enterro dará...

Essas foram as honras solicitadas pelo grande soldado. Observamos que, na verdade, o número de soldados foi um pouco maior. No Inventário de Caxias, anexo ao Testamento, constam 14 soldados, perfazendo um total de 420\$000 (quatrocentos e vinte mil réis).

Outra demonstração de seu altruísmo foi relativa ao seu criado de nome Luiz Alves, ao qual Caxias deixou a quantia de 400\$000 (quatrocentos mil réis) e toda sua roupa de uso.

Caxias também fez constar em seu testamento o companheiro João de Souza Fonseca, sua irmã a Baronesa de Suruhy, o Visconde Tocantins, o Capitão Salustiano de Barros Albuquerque, que era seu amanuense, e Anna Eulália de Noronha, sua afilhada. A todos eles Caxias fez constar em seu testamen-

to com lembranças simples, como sua espada, suas condecorações, relógio, candeeiro de prata, cavalo, montaria, dentre outros.<sup>10</sup>

Tudo o mais que o duque possuía deveria ser repartido entre suas filhas Anna e Luiza.

Caxias, em nossa opinião, demonstrou suas qualidades de chefe e líder, aliadas ao seu altruísmo de cidadão de bem até mesmo em seu momento derradeiro, mediante pequenas atitudes presentes em seu testamento.

## Considerações finais

O inimigo, vencido por vós na Ponte de Itororó e no arroio Avahy, nos espera na Lomba Valentina com os restos de seu exército. Marchemos sobre ele, e com esta batalha mais teremos concluído nossas fadigas, e provações. O Deus dos exércitos está conosco! Eia! Marchemos ao combate, que a victoria é certa porque o general, e amigo, que vos guia, ainda até hoje não foi vencido. Marquez de Caxias.<sup>11</sup>

Caxias era um homem comum e assim ele o queria que fosse. Seus exemplos demonstraram essa atitude durante toda a sua vida pública, como militar ou político. Toda essa trajetória demonstrou sua capacidade de liderança e destacou a principal qualidade do líder em nossa opinião, que é o de ser reservado e discreto.

Caxias não desejou glórias e nem ufanismos. Foi um homem simples e livre de vaidades. Caxias conseguiu mostrar toda essa simplicidade e riqueza de espírito até mesmo em seu momento derradeiro, quando, merecendo todas as glórias terrenas, as dispensou.

Caxias dispensou toda a pompa. Preferiu ter a glória do reconhecimento por meio do silêncio. Terminou seus dias na simples e pacata Estação do Desengano, hoje Barão de Juparanã, no distrito de Valença/RJ, na Fazenda Santa Mônica<sup>12</sup> de propriedade de seu genro, o Barão de Santa Mônica.

Finalmente é preciso situar Caxias como um homem do seu tempo, um homem do século XIX, para que não cometamos o grave erro de sermos anacrônicos em relação a esse personagem histórico.

Caxias foi um herói de guerra e também um agente de destaque no cenário político de sua época. Novamente, em nossa opinião, o duque mostrou veementemente sua posição de líder militar e político. Em sua última ação, que foi o seu testamento, mostrou-se um homem desprendido de vaidades e, com mais essa atitude, tornou-se um exemplo de grande liderança.

Com este breve relato, esperamos ter conseguido demonstrar os exemplos deixados pelo Duque de Caxias, que demonstram sua capacidade de liderança aliada a sua simplicidade.

## Referências

ACADEMIA de História Militar Terrestre do Brasil. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/>. Acesso em: 9 set 2023.

ARQUIVO do Exército Brasileiro. Disponível em: <https://www.ahex.eb.mil.br/>. Acesso em: 9 set 2023.

BARROSO, Gustavo. **História Militar do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.

BENTO, Cláudio Moreira. **Significação Histórica do Duque de Caxias**. Revista do Clube Militar. Maio/Junho de 1980. Rio de Janeiro. p. 4-16.



BENTO, Cláudio Moreira. **Como Estudar e Pesquisar a História do Exército Brasileiro**. Brasília, EME, 1978.

BIBLIOTECA do Exército Brasileiro. Disponível em: <https://www.bibliex.eb.mil.br>. Acesso em: 9 set 2023.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BRASIL, **Ordens do Dia**. Ministério da Guerra. 1865, 1866, 1867, 1869, 1870, 1871, 1880, 1881. Acervo do Arquivo Histórico do Exército.

BRASIL. **Fé de Ofício de Luiz Alves de Lima e Silva** – Caixa 11 – Pasta 04 – Coleção Ministros e Patronos. Acervo do Arquivo Histórico do Exército.

BRASIL. **Revista Nação Armada** – 1942, 1946, 1954 – Imprensa Nacional. Acervo do Arquivo Histórico do Exército.

BRASIL. **Boletins do Exército** – 1942, 1946, 1954 – Secretaria-Geral do Exército. Acervo do Arquivo Histórico do Exército.

BRASIL. **Revista Militar Brasileira** – Separata da RMB nº 3, volume XXXV, de 25 de agosto de 1936. – Imprensa Nacional – 1938. Acervo do Arquivo Histórico do Exército.

CARVALHO, Affonso de. **Caxias**. Rio de Janeiro, Ed. Biblioteca do Exército, 1976.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

CARVALHO, Nelson Rodrigues. **O Duque de Caxias, Sainete radiofônico em um ato sobre a vida pública e militar do Duque de Caxias**. Rio de Janeiro, Biblioteca Militar, 1941.

COUTINHO, Sérgio Augusto de Avelar. **Exercício do comando: a chefia e a liderança militares**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1997.

FILHO, Almerindo Raposo. **Caxias e nossa doutrina militar**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1959.

MAGALHÃES, João B. **A evolução militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

MONJARDIN, Adelpho Poli. **Bolívar e Caxias**. Paralelo entre duas vidas. Rio de Janeiro, Ed. BIBLIEx, 1967.

MORAES, Vilhena de. **Duque de Ferro**: novos aspectos da figura de Caxias. Rio de Janeiro, Ed. Biblioteca do Exército, 2003.

MORAES, Vilhena de. **Novos aspectos da figura de Caxias**. Rio de Janeiro, Ed. Leuzinger, 1937.

PEIXOTO, P. M. 1973. **Caxias**: Nome tutelar da nacionalidade. Rio de Janeiro: Edico.

SOUZA, Adriana Barreto de. **Duque de Caxias**: o homem por trás do monumento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SOUZA, Adriana Barreto de. **Osório e Caxias**: a memória militar que a República manda guardar. *Vária História*. n° 25. Belo Horizonte: UFBH, julho de 2001.

TRIBUNAL de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. **Cadastro Nacional de Mediadores Judiciais e Conciliadores**. Disponível em: <http://www.tjrj.jus.br/web/ccmj/acervo>. Acesso em: 9 set 2023.

KINNI, Theodore B; KINNI, Donna. **MacArthur**: lições de estratégia e de liderança. Tradução Solution Consult Idiomas Ltda. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.

---

## Notas

<sup>1</sup> Do Latim, “Lembre-se que você vai morrer”.

<sup>2</sup> Porta-bandeira ou estandarte. Caxias foi o primeiro a conduzir a Bandeira Imperial do Brasil, seu primeiro porta-bandeira.

<sup>3</sup> Antigo título honorífico em Portugal e no Brasil, que se dava ao oficial-mor da Casa Real que servia junto à rainha ou à imperatriz, no paço ou fora dele. Eram geralmente escolhidos entre membros da nobreza e fidalguia. Tinham as funções áulicas de apoio e cooperação direta ao rei e sua família, sem serem serviçais, nas residências reais, em períodos alternados e, por isso, eram chamados também de semanários.

<sup>4</sup> Coutinho, Sérgio Augusto de Avelar. **Exercício do comando: a chefia e a liderança militares**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997.

<sup>5</sup> Kinni, Theodore B.; Kinni, Donna. **MacArthur**: lições de estratégia e de liderança. Tradução Solution Consult Idiomas Ltda. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.

<sup>6</sup> Discurso do Visconde de Taunay proferido na sepultura de Caxias. Revista do Exército Brasileiro.

<sup>7</sup> Texto de autoria de Pinheiro Chagas, publicado na Revista do Exército Brasileiro.

<sup>8</sup> O Testamento do Duque de Caxias e de seu Inventário poderão ser verificados no Cartório do 1º Ofício do Juízo de Direito da Terceira Vara de Órfãos e Sucessões no Rio de Janeiro ou na Revista Nação Armada nº 33 de agosto de 1942 no Arquivo Histórico do Exército – Revistas Militares – Depósito Brigadeiro Pinheiro Guimarães – Divisão de Guarda do Acervo – AHEx.

<sup>9</sup> Ordem do Dia nº 1.514 de 9 de maio de 1880. p. 246. Acervo AHEx – Ordens do Dia – Depósito Brigadeiro Pinheiro Guimarães – Divisão de Guarda do Acervo – AHEx.

<sup>10</sup> Nota: Maiores detalhes do Testamento do Duque de Caxias e de seu Inventário poderão ser verificados no Cartório do 1º Ofício do Juízo de Direito da Terceira Vara de Órfãos e Sucessões no Rio de Janeiro ou na Revista Nação Armada nº 33 de agosto de 1942, no Arquivo Histórico do Exército – Revistas Militares – Depósito Brigadeiro Pinheiro Guimarães – Divisão de Guarda do Acervo – AHEx.

<sup>11</sup> Palavras proferidas por Caxias em Villeta no dia 21 de dezembro de 1868 – Ordem do Dia nº 269 da mesma data, p. 39 – Fonte AHEx – Ordens do Dia – Depósito Brigadeiro Pinheiro Guimarães – Divisão de Guarda do Acervo – AHEx.

<sup>12</sup> O nome da Fazenda é em homenagem a Santa Mônica. A santa, de acordo com a doutrina católica, deixou uma mensagem para todas as mães no ensinamento de que, além de educar os filhos para viverem em sociedade, é preciso também educá-los para Deus, desenvolvendo neles a vida espiritual. Santa Mônica ensina que mães e pais devem se preocupar com a salvação e santificação de seus filhos. Santa Mônica faleceu no ano 387, aos 56 anos. Santo Agostinho, no seu famoso livro autobiográfico intitulado *Confissões*, fez um monumento indelével à memória de Santa Mônica. O corpo de Santa Mônica foi descoberto em 1430. O Papa Martinho V transportou-o para Roma e depositou-o na igreja de Santo Agostinho. Santa Mônica era mãe de Santo Agostinho.